

# Técnica e produção da Hevéa

Waldemar Batista de Sales

luta insana do homem contra o meio físico, condenando o extrativismo e pugnando por novas formas da vida social.

Moacir Paixão examinou, em



capítulos fartos de erudição, o sentido da economia e do trabalho amazônicos, bem assim a integração do homem no meio social, forrado tudo isso com os seus amplos conhecimentos de sociologia, completando, portanto, àquele outro estudo, não menos interessante, do professor Araujo Lima, intitulado "A Amazônia, a terra e o homem". Porém, o que nesses dois estudiosos sempre se resalta, é a necessidade que asseguram de sairmos dessa indústria extrativa sem rumo, para o caminho da técnica e da produção racional da hévea brasiliensis. E foi justamente isso que nos trouxe aqui. Claro que, para a aceitação de um plano, seriam necessários técnicos e não somos nós, em nos-

sa função modesta de comentadores, que iríamos traçá-lo. Porém que é tempo, já, de tratarmos disso, com o pensamento voltado para o futuro da região e o engrandecimento da gléba, isso é perfeitamente aceitável e indiscutível. Conforme já nos alertava Moacir Paixão no seu livro, fls. 104, "o comportamento humano, economicamente enxergado, elege-se nas reservas da floresta e do rio, como puro fenômeno de exploração naturista, como simples pronunciamento de utilização extrativa, desordenada, empírica e nomadista. O sentido tradicional da economia e do trabalho, entre nós, precisou manter-se inalterável, preso às características de tolerância e imitação secular, que nos aconselha o grau social e técnico sobre o qual vivemos, tanto mais que nos seria paradoxal um processo de reações anti-deterministas, incapaz de conduzir-se a bom termo ante às situações e aos efeitos da nossa franca desconexão antropogeográfica".

\*\*\*

Por esses considerandos, vamos verificar que a economia amazônica ainda hoje se baseia no extrativismo, no eterno colher sem plantar, sem o desejo de preparar o futuro. Porém é essa imprevidência, cuja responsabilidade em grande parte cabe aos governos dos estados da Amazônia, que vai deslocando o interesse da produção da borracha para outras latitudes. E agora mesmo,

É interessante notar-se, quando se viaja pela Amazônia, a impressão dos que a vêem. Aqueles que possuem espírito poético, nessas viagens, não se interessam pelas condições de vida do povo que habita às margens dos rios, nem pelo seu destino. Olham a paisagem luxuriante, os rios sinuosos, as ilhas imensas, os estirões, e o colorido das aves, para terminar com expressões as mais diversas a respeito do meio ambiente. Enebriam-se com as belezas do meio físico em que o homem se debate e nada mais, porque ainda mais interessante é o pôr-do-sol e o canto das aves. Quando não se referem a isso tudo, cantam lóas à vitória régia... Aqueles, porém, que percorreram, já, outras terras, viram outros ambientes e a luta dura pela vida, não têm êsses extases poéticos. Percrutam a realidade e a vida do povo e o seu desenvolvimento social, chegando à conclusão de que êsse extrativismo ronceiro em que vivemos não pode continuar por muito tempo. E não póde continuar porque já é hora de sairmos dêsse extrativismo antiquado para outros destinos. Daí a atenção que sempre encontrámos nos estudos sérios, feitos por amazonólogos eminentes, dentre os quais sempre realçamos, com justa razão, a Moacir Paixão. No seu livro "Sobre uma Geografia Social da Amazônia", êsse intelectual não procurou retratar paisagens, nem rios sinuosos e sim, a realidade da vida ambiente e a